



**REFLEXÕES DECOLONIAIS PARA ATUAÇÃO DE UMA CLÍNICA
PSICOLÓGICA ANTIRRACISTA: CARTOGRAFIA DE UM COTIDIANO**

**REFLEXIONES DECOLONIALES PARA LA ACTUACIÓN DE UNA CLÍNICA
PSICOLÓGICA ANTIRRACISTA: CARTOGRAFÍA DE UNA COTIDIANIDAD**

Diogo Fagundes Pereira

Doutor em Educação, Mestre em Psicologia, Psicólogo Clínico e
Pedagogo Mariana Felipe Barenco Dorta da Silva, Psicóloga
Clínica.

Mariana Felipe Barenco Dorta da Silva

Psicóloga (UNIFASE)

RESUMO

Esta pesquisa pretendeu se aproximar de experiências da psicologia clínica em relação ao atendimento da população negra. Buscou acompanhar como essa questão vem atravessando o cotidiano da clínica nos últimos anos e como a falta de entendimento e de formação da psicologia contribuiu para a invisibilidade do sofrimento psíquico advindo da historicidade do racismo colonial. Partindo dos estudos decoloniais e de autores como Neusa Santos (1983), Grada Kilomba (2008), Frantz Fanon (2008), Djamila Ribeiro (2019) e Cida Bento (2022), este estudo buscou identificar a preparação dos profissionais de psicologia para lidar com questões raciais e seus impactos na saúde mental da população negra. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa de campo, com inspiração cartográfica, onde foram acompanhados seis psicólogos(as) atuantes na clínica. As análises apontaram, principalmente, a escassez de autores negros na formação, que tratassem sobre os atravessamentos do racismo em toda a atuação da psicologia, principalmente na clínica, e que a condução dessas questões, quando aparecem na clínica, está mais apoiada na intuição do profissional do que em orientações mais claras a esse respeito. Muitos também não entendem a questão do racismo estrutural como "produtor" de psicopatologias. Concluiu-se que há perspectivas diversas sobre o atendimento desta população, com desafios profissionais, culturais e estruturais que precisam ser enfrentados para uma melhor atuação, conforme será descrito no decorrer desta pesquisa. Com isso, tornou-se importante, durante toda a pesquisa, a conscientização de cada psicólogo sobre a própria atuação clínica e pensamentos sobre a construção profissional almejada para si.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia Clínica; População Negra; Atuação.

ABSTRACT

This research aimed to approach the experiences of clinical psychologists in relation to serving the black population, seeking to monitor how this issue has been permeating the daily routine of the clinic in recent years and how the lack of understanding and training in psychology contributes to the invisibility of psychological suffering arising from the historicity of colonial racism. Based on decolonial studies and authors such as Neusa Santos (1983); Grada Kilomba (2008); Frantz Fanon (2008); Djamila Ribeiro (2019); Cida Bento (2022), this study sought to identify the preparation of psychology professionals to deal with racial issues and their impacts on the mental health of the black population. Methodologically, a field research was carried out, with cartographic inspiration, in which 06 psychologists working in the clinic were monitored. The analyses mainly pointed to the scarcity of black authors in training who address the intersections of racism in all psychology activities, especially in clinical practice, and that the handling of these issues when they appear in clinical practice is more based on the professional's intuition than on clearer guidelines in this regard. Many also do not understand the issue of structural racism as a "producer" of psychopathologies. It was concluded that there are diverse perspectives on the care of this population, with professional, cultural and



structural challenges that need to be faced for better performance, as will be described in the course of this research. Therefore, it became important throughout the research for each psychologist to be aware of their own clinical practice and to think about the professional construction desired for themselves.

KEYWORDS

Clinical psychology; Black Population; Acting.

REFLEXÕES DECOLONIAIS PARA ATUAÇÃO DE UMA CLÍNICA PSICOLÓGICA ANTIRRACISTA: CARTOGRAFIA DE UM COTIDIANO

1. INTRODUÇÃO

Por vezes, por exemplo, eu costumo encontrar pacientes que me buscam simplesmente pelo fato da identificação, porque eu sou um “psi” preto. Então, tem esse público que me busca por esse motivo. Então, assim, percebo que o meu ato de existir por si já carrega uma resistência. E percebo que por vezes eu acesso um público preto, uma população negra, mas que já é mais empoderada e apropriada do que está falando e buscando. Então, não basta ser um homem preto no mundo. Tem que ser um homem preto que se apropria dessa coisa, do contexto histórico e tal. Enfim, de novo, faz a pergunta novamente porque eu não sei se eu fugi, se eu escapei ou não. (Trecho retirado do encontro com N2...Psicólogo Preto...03 anos de atuação na clínica).

É urgente a importância de o psicólogo estar atento as questões que atravessam o cotidiano. Mas do que nunca, para além de uma questão de ressarcimento e dívida histórica em relação a todos os males que o racismo provocou e tem provocado, é tempo de ampliarmos a concepção do que se passa no mundo e produz subjetividade (GUATTARI, 1992). Por mais que a formação em psicologia possa, de vez ou outra, assumir uma perspectiva técnica, precisa-se compreender enquanto saber psicológico que a subjetividade, assim como os possíveis sofrimentos psíquicos, não é da ordem da intimidade isoladamente, ele é político.

Diante da variedade de questões que envolvem a atuação do profissional de psicologia, em suas mais diversas ênfases – processos de avaliação psicológica, educativos, gestão e promoção de saúde –, recortamos para essa pesquisa os processos clínicos, mas especificamente o olhar do clínico frente as questões de racismo. Embasados nos estudos de Aníbal Quijano (1928-2018) sobre a colonialidade, procuramos retomar o atravessamento das questões raciais na construção da subjetividade e na produção de sofrimento psíquico que aparecem na clínica, conjuntamente com a atuação do psicólogo frente a essas demandas. (QUINTERO, 2019).

Com os estudos sobre a colonialidade, surge a crítica ao eurocentrismo. Logo, foi revisitada a questão desse “poder na modernidade (MIGNOLO, 2017:35)”, que foi cartografado nesta pesquisa a partir da ausência de uma “literatura preta” no processo de formação em Psicologia no Brasil (PEREIRA, 2022). Essa ausência de referência coaduna com a lógica de dominação cultural que controla, a partir de pressupostos

eurocêntricos, as subjetividades e a visão de ser humano racional, conforme encontrado com um dos entrevistados,

“Mas quando eu vou falar de sonho, por que que a primeira coisa que surge, que vem, é aquela coisa, nix, hipnos, morfeu, algo totalmente grego, romano, enfim, por que não uma galera mais afro, né? Quando eu vou falar de justiça, eu vou buscar outro deus, mas não Xangô, né? Então, sinto que tem sempre esse trabalho, né, para com o mundo, mas para consigo, de aceitar tudo isso antes de bancar no mundo, né? Porque é preciso coragem, eu diria, né? Para ser um homem preto, por exemplo, uma mulher preta sem uma máscara branca (Trecho retirado do encontro com N2...Psicólogo Preto...03 anos de atuação na clínica)”.

O pensamento decolonial e as reflexões antirracistas que começam a ser acompanhadas nessa pesquisa, objetivaram problematizar a manutenção epistemológica colonizadora. Busca-se reconhecer a violência colonial quando esbarramos em uma formação acadêmica e atuação clínica posterior, que não olha para as discussões raciais como sustentação da opressão e da colonialidade.

A forma como os psicólogos compreendem o tema das questões raciais interfere diretamente na mediação do atendimento clínico psicoterapêutico.

Eu fiquei pensando muito sobre isso quando você entrou em contato, e talvez eu não tivesse feito essa reflexão se a gente não tivesse tido esse contato. Eu me deparei pensando que eu não faço atendimento para pessoas negras... feito a minha monografia pautada no racismo estrutural, como branca a gente se percebe ainda fazendo esse tipo de, tendo esse tipo de comportamento e não percebendo onde essas pessoas estão (Trecho retirado do encontro com B1..Psicóloga....39 anos 5 anos de formada)

E,

Inclusive, o meu doutorado foi sobre identidade negra e eu na época acompanhei grupos de mulheres negras, né, de jovens cotistas... Por exemplo, eu dentro dessas comunidades, eu era vista como branca, né, então eles achavam que eu, por exemplo, não poderia estudar identidade negra não sendo negra... Eu não tenho uma opinião, eu não sei se eu acho que precisaria ter mais pessoas negras, realmente, mas eu não acho que deveria ser exclusivo, pessoas negras atendendo pessoas negras, entendeu? (Trecho retirado do encontro com N1 ...50 anos...20 anos de atuação).

É importante destacar que duas pesquisadoras (uma em trabalho de conclusão de curso e a outra em tese de doutoramento), autodeclaradas brancas, ao utilizarem o tema do racismo estrutural e da identidade negra, não conseguem se apropriar da potência educativa de seus escritos. Elas não percebem que o dispositivo de racialidade

(CARNEIRO, 2023), partindo da lógica da subalternidade, produz uma negação e interdição de saberes, ao não permitir que aqueles que foram subalternizados falem. Além disso, elas produzem saberes, poderes e narrativas que atendem às lógicas do mercado acadêmico, em termos de direitos humanos e diversidade, mas suas práticas continuam muito próximas das lógicas colonizadoras.

Nesse caso específico, a produção desses trabalhos (TCC e tese de doutorado), da maneira como foram aplicados no cotidiano, reforça a exclusão acadêmica. Eles promovem a inscrição do sujeito negro na esfera do "não ser", tornando-o um objeto de estudo. Com isso, esses trabalhos podem (mesmo sem a intenção) contribuir para o imaginário social de subalternização dos negros e a superioridade dos brancos. Não é comum encontrarmos pessoas negras, com sua devida consciência de classe e resistência, escrevendo e colocando os brancos no lugar de objeto de pesquisa.

Fanon (1983), destaca como as vivências frequentes do racismo produzem a perda do indivíduo e um grande sofrimento psíquico. Com isso, o cuidado em saúde mental precisa levar em consideração as dimensões sociais e raciais frente a este sofrimento, percebendo como se dão estes atravessamentos raciais na vida do sujeito dentro e fora da clínica psicológica. Foi nesse sentido, que o fundamento dessa pesquisa se estabeleceu: o de conhecer a experiência do psicólogo clínico em relação ao atendimento da população negra, buscando compreender como essa questão vem atravessando a clínica nos últimos anos.

Tendo como objetivo identificar em que medida os profissionais de psicologia estão preparados na formação e na prática, para reconhecer e atuar quando as questões raciais atravessam a clínica e, como eles se posicionam frente às questões raciais na clínica. Assim como, analisar como esse profissional compreende o racismo; se existe um perfil que esteja mais preparado para lidar com essa questão e verificar se a falta de letramento racial é um impedidor de manejo adequado. Além disso, até por conta de uma escolha metodológica, a cartografia, acompanhar os abismos estabelecidos entre os discursos e práticas das psicólogas (os).

A importância dessa pesquisa se deu pelo contexto em que o sofrimento relatado nem sempre é levado em consideração, sendo este sofrimento psíquico muitas vezes desconsiderado e atrelado a origem a outros âmbitos sociais. É novamente equiparar uma

depressão advinda de um luto de um ente querido, que é uma questão da ordem da intimidade da relação, a uma depressão por toda uma violência racial historicamente construída, que é uma questão de ordem política. Ou seja, em ambos os casos, falamos de pressão, mas elas são originalmente distintas em suas produções. Como um diálogo a seguir:

Pesquisador: Como você lida com essas questões que eles trazem sobre a cor deles, sobre questões às vezes que eles nem percebem, mas que aparecem ali naquele contexto da clínica?

Entrevistada: Da maneira como a gente trata qualquer outra coisa, né? Podemos tratar o racismo como essas questões, como a gente trataria o trauma (B2...47 anos 04 anos de atuação)

Sofrimentos gerados a partir de exclusão social e violências raciais, são diagnosticados equivocadamente em termos clínicos com uma depressão do sujeito, ou seja, aquilo que tem base estrutural em termos sociais é atribuído, individualizado ao sujeito (VEIGA, 2022). Sendo assim, uma compreensão mais profunda sobre os atravessamentos raciais na clínica psicológica é crucial para a promoção de saúde e um tratamento mais humanizado e sensível voltado para o sujeito.

Esta pesquisa teve implicações significativas em compreender a importância da psicologia diante dos grupos de minoria¹, tendo como foco a população negra, e os impactos sobre a saúde mental destes indivíduos, podendo influenciar diretamente na maneira que experienciam o mundo. Sendo assim, esteve em foco um trabalho voltado para o entendimento da atuação do psicólogo na clínica psicológica diante de questões raciais e seus impactos que atravessam o sujeito.

Partindo de autores como Neusa Santos (1983), Grada Kilomba (2008), Frantz Fanon (2008), Djamilia Ribeiro (2019) e Cida Bento (2022), foram construídos dois capítulos teóricos para sustentar com sensibilidade a temática abordada “*A clínica psicológica e a desconstrução de uma racionalidade colonial*” e “*A clínica psicológica e os dispositivos de racialidade*”, onde versam sobre questões como a formação crítica em psicologia, a ausência de produção de saber por referências negras, a violência da

¹ Os grupos de minoria são conjuntos de pessoas que compartilham características distintivas e enfrentam desafios específicos devido à sua posição social, cultural ou econômica em relação à maioria dominante de uma sociedade. (fonte: Ramacciotti BL, Calgaro GA. Construção do conceito de minorias e o debate teórico no campo do Direito.) Utilizar mesma fonte do texto e observar nas diretrizes a formatação sugerida.

hierarquização acadêmica, a descolonização do imaginário, interseccionalidade, letramento racial, entre outros.

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUSA, 1983:12).

Metodologicamente, optou-se por uma pesquisa de campo com inspiração cartográfica. Tratou-se de uma pesquisa com amostra por conveniência, selecionados a partir da técnica de *SnowBall*², sendo utilizada uma entrevista semiestruturada e análises de conteúdo. A inspiração cartográfica se deu pela possibilidade de investigar compreensões e percepções que já estão em curso, isso porque, “a cartografia como método de pesquisa é traçada no plano da experiência acompanhando os efeitos do próprio percurso da investigação (PASSOS; BARROS, 2020:18). Proporcionando assim, o desvelar de algumas questões sem pretender alcançar verdades completas e generalizantes, buscando tão somente compreender o que os sujeitos estão considerando naquele momento e como seus discursos entrelaçam com suas práticas e possibilidades de avanços em termos de clínica psicológica.

É sobre a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa é intervenção. Ela sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção (BARROS et al, 2009:17)

Em relação ao acompanhamento das entrevistas, os dados indicaram que a população negra é a que menos tem acesso ao acompanhamento psicológico por uma série de determinantes sociais, culturais e estruturais da sociedade, o que corrobora com estudos de Souza (1983) e Fanon (1983). Não ficou claro se existe um perfil de profissional mais adequado para atender a esse público, mas o que ficou evidente é a falta de letramento racial e de conhecimento por parte dos psicólogos sobre como as questões raciais atravessam a subjetividade. Isso, muitas vezes, produz sofrimento psíquico e um não avanço acadêmico em torno dessas questões.

² Amostragem bola de neve é um método de amostragem não probabilístico. Ao contrário da amostragem probabilística (que envolve alguma forma de seleção aleatória), os indivíduos iniciais selecionados para serem estudados são aqueles que recrutam novos participantes.

2. METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Tratou-se de uma pesquisa exploratória, configurando-se como uma pesquisa de campo, buscando maior aprofundamento das questões propostas do que a distribuição de características da população segundo determinadas variáveis (GIL, 2002). Para tanto, buscando firmar e afirmar o compromisso ético com a ciência e com os participantes, a pesquisa foi submetida e avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de um Centro Universitário da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro- nº CAAE 80083124.8.0000.5245, sendo aprovada pelo parecer de número: 6.892.117.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A amostra utilizada foi por conveniência. Segundo Gil (1994) trata-se de uma técnica de amostragem não probabilística, que busca obter uma quantidade conveniente de elementos amostrais que suportam o leque de variação dos valores a experimentar. Nesta técnica, não probabilística e nem aleatória, observam-se hábitos, opiniões e pontos de vista criados de acordo com a facilidade de acesso e a disponibilidade dos entrevistados em um determinado intervalo de tempo. A partir da técnica de *Snowball*, entramos em contato com psicólogo, convidando para a participar da pesquisa e dado término da pesquisa, esse profissional indicou um outro colega, até chegar em um ponto de saturação, onde os dados recolhidos pelos participantes, já são suficientes para a reflexão proposta pela pesquisa. Como o objetivo dessa pesquisa foi conseguir uma quantidade de entrevistas que pudessem dar conta de aproximar dos objetivos propostos, conseguimos, por entender o critério de saturação, que com os 06 entrevistados, já reunimos um repertório suficiente para as análises. Foram 04 psicólogos autodeclarados como negros e 02 autodeclarados como branco.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A ida ao campo foi realizada numa espécie de bate papo, sem perguntas fechadas e ou totalmente estabelecidas. Mesmo com esse escopo apresentado abaixo, a ideia sempre foi mapear os discursos, seus possíveis atravessamentos, subjetividades e racionalidades, acompanhando experiências que estão em curso.

Alguns dados foram coletados, como idade, cor e formação, a fim de análises posteriores e possíveis articulações com os fundamentos recortados para pensar essa pesquisa. As entrevistas são possibilidades ricas na obtenção dos relatos das pessoas sobre determinado tema ou fenômeno (MAIA, 2020) e possibilitam um acompanhar da experiência e dos processos, movimento importantíssimo dentro da cartografia. Especificamente, o modelo escolhido foi a entrevista semiestruturada, em função da flexibilidade e do direcionamento ao tema que ela possibilita.

Segundo Minayo e Costa (2018) entrevista semiestruturada, combina um roteiro com questões previamente formuladas e uma abertura, possibilitando ao entrevistador um direcionamento sobre o que pretende saber e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados

Em relação aos dados sociodemográficos, os dados acompanhados foram: idade; gênero; ano de formação; primeira formação; tempo de atuação clínica e público atendido. E em relação as perguntas disparadoras: Quais são os principais desafios que você enfrenta ao fornecer atendimento clínico para a população negra? Como você aborda a interseccionalidade de raça em sua prática clínica com clientes negros? Como você reconhece e aborda o impacto do racismo estrutural e da discriminação racial nas experiências de saúde mental dos seus clientes negros? E o que conhece sobre letramento racial? Você acredita que existem lacunas ou falta de representação na literatura psicológica sobre a prática clínica com a população negra? Em caso afirmativo, como isso influencia sua prática?³

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Segundo Gil (2002), a análise de dados consiste em uma técnica de investigação que tem por finalidade a interpretação da comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos, em outras palavras, por meio da mensagem. Definimos a análise de conteúdo de Bardin (1977). Ela se desenvolve em três fases: '1ª) Pré-análise – fase de organização e leitura flutuante. Constitui o primeiro contato com os documentos da análise, formulação de hipótese e preparação; 2ª) Exploração do material – considerada a fase mais longa. Visto que compreenda o momento de examinar as decisões tomadas na

³ Dados elaborados pelos autores

fase anterior, esta fase envolve a tarefa de codificação, ou seja, “recorte (escolha das unidades), enumeração (escolha das regras de contagem) e a classificação (escolha das categorias); 3ª) Tratamentos dos dados – nesta fase, faremos um detalhamento quantitativo com a primeira parte das entrevistas, com os dados sociodemográficos e outros dados eu por ventura vierem na entrevista e, uma análise qualitativa dos principais pontos que foram trazidos pelas entrevistas, pontos centrais em comum, como pontos que específicos que possam aparecer e que venham interagir e contribuir com os objetivos desta pesquisa.

Retornando a inspiração cartográfica: nessa pesquisa acompanhamos percursos, implicações de em processos de produção e conexão de redes (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020). Nesse sentido, é entender que essa construção é conjunta, é entender que na medida que se acompanha os processos, possibilita-se o desvelamento dos significados e sentidos que se articulam no contexto pesquisado. Por se tratar de uma metodologia de inspiração cartográfica, o processo de análise já se inicia concomitante ao processo de pesquisa, razão essa de que na organização estética do texto, na parte da fundamentação teórica, as falas dos participantes, já estarem presentes, buscando assim se aproximar dos objetivos centrais da pesquisa (BARROS; BARROS, 2013: 388).

É comum em pesquisas cartográficas não existir uma separação entre as etapas de cultivo e de análise dos materiais e experiências. O que se coloca como tarefa é permitir que a própria pesquisa seja interrogada; que os observados se tornem efetivamente coparticipantes da pesquisa (BARROS; BARROS, 2013), embora, nesse texto, abrimos um capítulo intitulado “Análises quantitativas e análises qualitativas” por entendermos a necessidade de um recorte, de um mapeamento para levantar questões iniciais e para acenarmos para discussões futuras de modo a contribuir para cenários mais decoloniais.

Reconhecendo as delimitações colocadas a partir da inspiração metodológica, com os dados em mãos, existe uma preparação para apresentação. A análise da pesquisa deve informar os efeitos que foram produzidos, por isso, mantemos em termos estéticos um espaço no corpo do texto reservado para as análises. Ao mesmo tempo, foi permitido um diálogo constante de acompanhamento entre o material teórico e o acompanhamento das entrevistas em campo. (BARROS; BARROS, 2013).

2.5 A CLÍNICA PSICOLÓGICA E A DESCONSTRUÇÃO DE UMA RACIONALIDADE COLONIAL

A clínica psicológica tem como objetivo promover o bem-estar mental do indivíduo, lidando em conjunto com as questões psicossociais, ajudando-o a compreender e lidar com os conflitos que surgem a partir das experiências da vida, assim como, promover autoconhecimento e saúde (DE ALMEIDA, 2011). O seu funcionamento segue padrões éticos e profissionais, garantindo confidencialidade, respeito e compromisso com os pacientes, conforme o Código de Ética do Psicólogo (2005).

Em relação às questões formativas, é de extrema importância, inclusive reparatória, levar em consideração a diversidade cultural, de gênero e étnica que atravessa a subjetividade brasileira e, conseqüentemente, interfere na clínica psicológica. Essa diversidade não foi e, em muitos espaços, ainda não é levada em conta por causa de uma formação baseada em um suposto "modelo universal de ser humano". Esse modelo, infelizmente, se sustenta em paradigmas europeus, cristãos, masculinos e brancos que, historicamente, desconsideraram as alteridades e que interferiam e continuam a interferir no modo de ser e estar no mundo (PEREIRA, 2022).

Essa crítica ao eurocentrismo, apresentado pelos estudos decoloniais, anunciam um movimento epistemológico muito importante para a renovação de uma crítica as ciências sociais na América Latina no século XXI (PEREIRA, 2022), pois a dominação cultural que controlou e controla as subjetividades, com seus fundamentos eurocêntricos e essa fantasiosa ideia de uma “ser humano global”, afeta diretamente a formação da clínica psicológica, quando vemos uma formação acadêmica pautada em uma literatura branca, masculina e cristã, marginalizando tudo aquilo que é diferente desse “padrão”(PEREIRA, 2022).

Conjuntamente ao olhar reparatório e emancipador da decolonialidade, a ideia da interseccionalidade, entendida aqui como a intersecção diferentes identidades sociais que moldam as experiências individuais (SILVA, 2022), ajudam a reconhecer como que as questões vinculadas a raça, etnia e gênero compõe e afetam a construção das identidades, atravessando a clínica e que não podem ser desconsideradas do processo formativo. E esses pressupostos precisam, por exemplo, ser levados em consideração na

construção curricular dos cursos de psicologia, na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), etc.

Essas “escolhas” especialmente realizadas nos currículos das universidades (espaço reconhecido como produtor de conhecimento) consolidam um saber e agenciam modos de fazer psicologia que sustentaram normas de conduta socialmente aceitáveis e, conseqüentemente, produziram “o anormal”, o excluído (PEREIRA, et al, 2022).

A psicologia tem o papel de reconhecer o quanto sua produção de conhecimento agiu como um dispositivo de racialidade⁴, e de poder contribuir no enfrentamento do sofrimento causado pelo racismo, especialmente no contexto da clínica psicológica, onde exige do psicólogo uma reflexão sobre as questões raciais que atravessam os atendimentos e intervenções terapêuticas.

Pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação de uma história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento. Quem sabe? Quem pode saber? E o saber de quem? (KILOMBA, 2019:13)

Diante da clínica psicológica e as questões raciais que atravessam, é essencial que o psicólogo assuma uma postura de conscientização sobre o racismo estrutural presente na sociedade e que afeta a vida dos clientes em diversos aspectos, incluindo de forma física e mental. É essencial que o psicólogo entenda o racismo como um possível causador de sofrimento psíquico, onde as marcas que ficam a partir dessas atitudes são permanentes e podem afetar a como essa população que sofre com as conseqüências consegue lidar com as questões pessoais.

E mais que isso, Kilomba (2019) traz um conceito advindo da psicanálise, situado dentre alguns mecanismos de defesa do ego que é a “identificação” que pode ser entendida quando o sujeito assimila aspectos do outro e é transformado por esse processo. A questão que se coloca é de pensar quais são as histórias, biografias, experiências e conhecimentos que estão disponíveis para serem identificados, quais são as bases que sustentam esses processos? Temos epistemologias negras sendo identidades? Porque

⁴ Conceito da filósofa brasileira Sueli Carneiro.

ainda vemos autores negros, produzindo conhecimento que não fazem parte de suas tradições e culturas? Por que ainda vemos tantos teóricos brancos falarem sobre preconceito racial? Não que não possam, mas porque boca do negro deve ser amarrada? O que o sujeito branco teria de ouvir? Quem pode falar? Quem pode construir conhecimento? Pode o subalterno falar? É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada.

Como que conhecimento e o poder racial se entrelaçam. O que foi a Conferência de Berlim 1844-85? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha? Quantos anos durou a colonização alemã no continente africano? E concluo com perguntas mais específicas: Quem foi a Rainha Nzinga e que papel ela teve na luta contra a colonização europeia? Quem escreveu *Peles Negras e Máscara Branca*? Quem foi May Ayim? (KILOMBA, 2020: 49).

Esse exercício nos faz pensar na violência que é a hierarquização do conhecimento acadêmico, e que essa hierarquização tem relação com um poder racial em específico, que desqualifica um outro saber, produzido por negros por exemplo, tornando esse saber periférico. Daí encontramos esse problema de violência da produção do conhecimento que, inegavelmente, produz um processo de negação, entendido aqui como um mecanismo de defesa. Que podem de um lado, formar uma perspectiva branca em pensar e fazer psicologia e que invisibiliza o quanto essa questão pode ser produtora de prejuízos emocionais, psíquicos na população negra. De acordo com Lima (2017), a violência epistemológica na produção do conhecimento contribui para um processo de negação que marginaliza vozes e experiências de grupos minoritários.

O conceito de “lugar de fala” é essencial para o entendimento das questões enfrentadas pela população negra e outras minorias, sendo definido como a capacidade de falar a partir do lugar que a pessoa pertence, considerando o lugar social ocupado. No contexto da população negra, o lugar de fala permite que as próprias pessoas falem sobre seus desafios, vivências e lutas por seus direitos, em vez de serem retratados por pessoas as quais não se identificam (RIBEIRO, 2019).

O lugar de fala possibilita que as estruturas historicamente construídas e mantidas em um padrão social como superiores sejam desafiadas, permitindo que os indivíduos que se mantinham com as vozes silenciadas possam expor suas opiniões. É igualmente fundamental que as pessoas que estão em um lugar de privilégio pensem

criticamente sobre a posição que ocupam, percebendo a si e seus privilégios, compreendendo que ao estar neste lugar podem estar causando, de certa forma, opressão ao outro.

Cida Bento (2022) retrata em seu livro, *Pacto da branquitude*, a “herança” de privilégios que é passado de uma geração à outra e como esses privilégios impactam diretamente em melhores condições de vida para um grupo específico da população. Este mesmo grupo acredita que o conceito de meritocracia é o resultado do desempenho pessoal do indivíduo, sendo ele unicamente responsável pelo lugar que ocupa na sociedade. Uma crença falsa que alcança uma conclusão igualmente falsa.

As experiências comuns que são resultantes do lugar social a qual ocupam, impendem que a população negra tenha acesso a certos espaços. Entendemos assim o lugar de fala. Há lugares que, por essa população não poder acessar, resulta na não existência de experiências epistemológica desses grupos, como é o exemplo da presença nas universidades, na política, nos meios de comunicação etc. O falar não se limita apenas no ato de emitir palavras. O lugar de fala é pensado como uma forma de tentar ressignificar a hierarquização de saberes.

O saber do psicólogo se limita muitas vezes ao que é passado através das universidades, fazendo com que alguns conhecimentos sejam demarcados por discursos que são derivados da maioria excludente. Questões trazidas nos livros acadêmicos relatam realidades europeias, brancas e masculinizadas, sem considerar outras culturas e determinantes sociais, fazendo com que o profissional não tenha conhecimento de como lidar com outras realidades.

Um grande desafio para o psicólogo é conseguir se colocar no lugar do paciente perante os sofrimentos psíquicos advindos de questões sociais. A maneira mais adequada de se colocar frente ao paciente é com um comportamento de alteridade, reconhecendo e compreendendo o outro a partir das suas singularidades, compreendendo as equivalências. Reconhecendo o que não se sabe sobre o outro.

É importante atentar-se à voz de experiências marginalizadas que pluralizam o entendimento sobre a luta contra o racismo, enfatizando a necessidade de ouvir as pessoas que muitas vezes são ignoradas ou silenciadas. A interseccionalidade é fundamental para entender que o racismo não opera isoladamente, mas se entrelaça com outras formas de

opressão. Com isso, destaca-se a necessidade de uma escuta profissional ativa e críticas às práticas realizadas pelo psicólogo durante os atendimentos da população negra na clínica psicológica.

2.6 A CLÍNICA PSICOLÓGICA E OS DISPOSITIVOS DE RACIALIDADE

A clínica psicológica, assim como quase todo o fundamento da ciência psicológica no Brasil, foi normalizada com características da teoria que tem como base o ideal de uma sociedade colonizada, levando em consideração questões pessoais do indivíduo onde os valores estimados estão vinculados a um tipo de corpo e cor específica (PEREIRA, et al, 2022). As questões que normalmente são trazidas para dentro do *setting* terapêutico pela população negra vão além do entendimento inicial sobre os efeitos da colonização, se tornando de forma inconsciente uma descolonização do imaginário⁵.

Frantz Fanon (1983), nos deu condições para pensar a emergência do indivíduo negro, não somente ligado a particularidades do divã, mas refletindo sobre a determinação histórica desse indivíduo. Devemos compreender a partir disso as condições do indivíduo que possibilitaram a formação e organização de si e a própria ideia do que é ser negro. A identidade formada possibilita a identificação com aquilo que constitui o que o indivíduo considera ser seu, elaborando a relação consigo, com os outros e com o social que o cerca. Os impactos do racismo e do colonialismo tem influência no manejo da clínica psicológica, visto que essas ações podem acarretar impactos significativos na saúde mental da população negra, fazendo com que os psicólogos precisam estar preparados para fornecer um espaço seguro e de acolhimento, onde os pacientes se sintam à vontade para discutir as experiências raciais que os atravessam.

Outro conceito essencial discutido por Fanon em suas obras, especialmente em “*Pele Negra, Máscaras Brancas*, 1983”, é a despersonalização do negro. Neste termo ele se refere ao processo pelo qual as pessoas negras são privadas de sua humanidade, individualidade e identidade própria devido à influência do racismo e da colonização. As pessoas negras são frequentemente reduzidas a estereótipos, em vez de serem

⁵ A descolonização do imaginário, para Frantz Fanon, é um processo fundamental na luta contra a colonização e seus efeitos, a qual envolve dismantelar as estruturas culturais e mentais impostas pelo colonizador.

reconhecidas como indivíduos únicos e complexos, sendo discriminadas tanto a nível institucional quanto interpessoal.

A luta contra a desumanização envolve a reafirmação da dignidade e individualidade das pessoas negras, valorizando suas próprias histórias, culturas e contribuições para o mundo, desafiando de forma ativa as estruturas que perpetuem a despersonalização e a opressão. Torna-se essencial o papel do psicólogo em promover a saúde mental das pessoas que enfrentam a despersonalização racial, oferecendo suporte emocional para lidar com as questões de maneira construtiva.

No livro *“Pacto da Branquitude”*, de Cida Bento (2022), é abordado o assunto de como o racismo é perpetuado através de estereótipos e preconceitos sobre as pessoas negras, fazendo com que os efeitos sobre esses atos sejam ramificados, atingindo as áreas psicológicas, sociais e políticas. O racismo não é apenas um problema de atitudes individuais, mas está enraizado em sistemas de poder e dominação. Com isso, mostra-se essencial o pensamento de Cida Bento sobre a descolonização mental, como forma de se libertar das ideologias e estruturas coloniais internalizadas, com objetivo de alcançar a emancipação.

Para Neusa Santos Souza, ser negro no Brasil vai além de ter consciência sobre o processo ideológico pelo qual se passa durante a sua formação como sujeito, mas sim tomar posse dessa consciência e modificá-la para algo que represente a sua dignidade. O sujeito precisa organizar possibilidades que lhe permitirão construir sua identidade negra. Ao trazer relatos sobre a construção e a experiência dessa identidade para a clínica, percebe-se que o sujeito está rompendo com a idealização do ideal imposto pela sociedade e caminhando para uma possível aceitação da sua identidade. “Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA, 2021: 115).

É fundamental que o psicólogo, durante a atuação na clínica psicológica, compreenda a diversidade étnico-racial e as experiências de grupos historicamente marginalizados, contribuindo para a redução de disparidades de saúde mental. A promoção da saúde mental da população negra se torna essencial para o enfrentamento de questões que causam impactos significativos, aplicando políticas que enfrentam o racismo estrutural e garantam que as necessidades desta população sejam adequadamente atendidas.

Quando a questão racial é pensada nas formações acadêmicas, refere-se apenas a história vivida pelos negros durante os anos de escravidão e como enfrentaram esse episódio, desconsiderando toda a contribuição intelectual trazida por essa população em diferentes campos de estudo. A questão do letramento racial surge como a possibilidade de luta contra o racismo dentro e fora do ambiente clínico, trazendo consigo a oportunidade de crescimento, justiça social e igualdade racial.

A busca por igualdade dentro dos ambientes apresenta a necessidade de promover diversos aspectos, partindo por meio de princípios desenvolvidos com objetivo de contribuir para a construção de uma comunidade mais justa e inclusiva. A promoção do letramento racial é uma das formas de superar o racismo dentro da sociedade, estabelecendo espaços seguros e inclusivos, onde se pode discutir abertamente sobre questões raciais. A implementação de políticas que prezem pela diversidade na ocupação de cargos e lugares onde essa população não ocupa, pode contribuir para eliminar as barreiras sistemáticas que as pessoas de minorias raciais enfrentam em suas vidas pessoais e profissionais.

O Letramento Racial é uma ferramenta capaz de nos ajudar a perceber como a raça opera na sociedade, sendo uma forma de ler o mundo (SEVERO, 2021), compreendendo que os privilégios da branquitude vem a partir da opressão de outro grupo. Os privilégios que cercam a branquitude causam desigualdades e injustiças em diversos contextos sociais, sendo necessário o reconhecimento da existência desses privilégios por parte da população favorecida e a desconstrução de conceitos que atingem diretamente a população negra.

Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país (NASCIMENTO, 2016:54).

O letramento racial refere-se à capacidade de compreender e analisar questões raciais, envolvendo o desenvolvimento de habilidades para dialogar, de maneira construtiva, sobre o agir em prol da justiça racial. Com isso, é importante que as instituições educacionais assumam o compromisso de mudança sobre esses assuntos durante a formação profissional do psicólogo, buscando gerar consciência através do conhecimento dado e abrindo portas para debates. Para isso, a luta contra o racismo e o

preconceito precisa ser compreendida como um dever de todos, buscando e exigindo mudanças em todas as áreas da vida.

Além disso, vale destacar os efeitos das desigualdades sociais em saúde que afetam grupos raciais e étnicos, resultando da iniquidade em disparidades no acesso a serviços de saúde e na qualidade do atendimento oferecido. A promoção do letramento racial entre as comunidades afetadas permite a prevenção das injustiças que vivem e a capacitação para buscarem alternativas de enfrentamento. Ainda vale destacar a importância da promoção do letramento racial entre os profissionais de saúde, sendo fundamental para redução das iniquidades em saúde e melhoria dos resultados dos serviços para populações historicamente marginalizadas.

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES

3.1 ANÁLISES QUANTITATIVAS

Seis psicólogos foram entrevistados, sendo 02 do gênero masculino e 04 do feminino. Em relação a idade, 2 entre (20 – 30 anos); 02 entre (30-40 anos) e 02 entre (40 – 50 anos). Em relação aos anos de formação: 1 entre (2000 – 2010); 1 entre (2010 – 2020) e 4 entre (2020-2024). Dois se autodeclararam brancos e quatro, negros. Tempo de atuação clínica: 2 (menos de 1 ano); 3 (1 a 5 anos); 0 (6 a 10 anos); 1 com mais de 10 anos. Distribuição por público atendido: 03 psicólogos atendem crianças; 05 atendem adolescentes; 03 idosos e todos atendem adultos.

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA

A compreensão das relações entre as informações trazidas durante as entrevistas se torna crucial para a análise dos dados. Os discursos que se alinham entre si reforçam as hipóteses da pesquisa, oferecendo suporte às conclusões. Entretanto, os dados que revelam contradições podem indicar interpretações que se influenciam pelo contexto pessoal dos entrevistados ou novas áreas de investigações a serem exploradas.

Durante as entrevistas, ocorreram inúmeros relatos sobre a formação em psicologia, destacando-se pela falta da diversidade da literatura de autores negros e até mesmo a conscientização sobre as questões raciais durante o curso. A maior parte dos psicólogos entrevistados concordou que a escassez de literatura escrita por autores negros

limita a compreensão das experiências e desafios únicos enfrentados por pacientes negros. Muitos destacaram que a falta de referências adequadas dificulta a integração de abordagens culturalmente informadas em suas práticas. O psicólogo N2, quando perguntado sobre as possíveis lacunas ou falta de representação na literatura psicológica sobre a prática clínica com a população negra, respondeu:

Diria que sim, mas compreendo também que a minha visão, ela é um recorte, né? Então, é limitada. Então, eu tenho diversos pontos cegos aqui, né? A partir do momento que meu foco está numa psicoterapia junguiana, uma psicologia analítica, eu busco referências nesse meio. E é desafiador, né? É desafiador.

Psicólogos que relataram a busca em se aprofundar em questões raciais, encontraram também dificuldades de alcançar autores compatíveis com a abordagem utilizada por eles na clínica, o que muitas vezes os levou a recorrer a autores que não tem formação em psicologia, mas sim em sociologia e antropologia. N4 apontou que:

Assim como boa parte dos autores que a gente estuda são de fora, não são autores brasileiros, a mesma coisa em relação à questão racial. Não estudamos, não vemos com frequência autores negros. Para ser muito sincera, Djamilia Ribeiro, por exemplo, que não é nem psicóloga, mas assim, fui começar a ter mais contato com a escrita, com tudo dela, já no final da faculdade...

Assim, ressalta-se a importância da promoção da inclusão de vozes negras na literatura da psicologia, visando não apenas auxiliar na prática clínica, mas também oferecer espaço para a diversidade durante a formação de psicólogos, fazendo com que sejam capazes de lidar e acolher as demandas dessa população. Por outro lado, alguns psicólogos argumentam que, mesmo a literatura negra sendo escassa, não deveria ser impedimento para um atendimento eficaz com essa população, ressaltando a importância de adaptar as literaturas das teorias existentes às realidades dos pacientes, utilizando uma abordagem mais flexível e crítica.

A entrevistada B2, quando perguntada sobre a forma em que aborda a interseccionalidade na sua prática clínica com os clientes negros, apresentou sua visão de tratamento das questões raciais com seus pacientes como qualquer outro assunto tratado na clínica:

Da maneira como a gente trata qualquer outra coisa, né? Podemos tratar o racismo como essas questões, como a gente trataria o trauma, como trataria o bullying e as outras questões. As dificuldades que a pessoa tem, se é que é uma dificuldade dela, né? Muitas das vezes não têm. Mas da mesma maneira que se ela me traz uma questão que não tem a ver com a raça.

Além disso, houve menções de que nem todos os profissionais da área estavam igualmente preparados ou dispostos a lidar com essas questões e buscar novos conhecimentos sobre o assunto, o que levou a uma experiência desprovida de critérios nos atendimentos. Essa discordância entre a intenção de oferecer um atendimento a partir de referenciais teóricos e a realidade de como as questões são abordadas pode indicar a necessidade de uma formação contínua e um maior foco nas práticas clínicas.

Há diversos fatores que podem ter influenciado diretamente nas respostas dos entrevistados, sendo os mais presentes a formação acadêmica e as experiências pessoais. Os psicólogos que se autodeclararam negros demonstraram maior interesse e buscas anteriores por assuntos relacionados ao tema da pesquisa, reconhecendo, porém, que ainda não adquiriram o conhecimento completo para a atuação na clínica psicológica. Com isso, é comprovada a falta de letramento racial durante a formação, especialização e ao longo da vida profissional de psicólogos, dificultando a formação de uma atuação capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e, conseqüentemente, para a diminuição do racismo.

Outro fator que teve grande ênfase durante os discursos foi a questão do acesso da população negra à clínica psicológica, sendo a falta desse acesso tanto por motivos financeiros, quanto por falta de oportunidades. A maior parte dos entrevistados trouxeram nos seus discursos que a questão do acesso é o principal desafio enfrentado ao fornecer atendimento para esta população, fazendo com que essas pessoas não tenham a oportunidade de estar neste espaço de escuta e acolhimento. N1 e N2 apontaram respectivamente, que:

Acesso. Porque geralmente a população negra tem menos dinheiro, a maioria da população, e psicoterapia é caro. Não só a psicoterapia que eu ofereço, mas a avaliação neuropsicológica. Então o acesso é mais difícil.”

E,

Um dos principais é o acesso. Acessar esse público ou para que esse público acesse o trabalho. Qual a maior qualidade do profissional? A de custar mais. Logo, como alcançar uma galera, um pessoal, um público da margem?

Um dos fatores divergentes entre os participantes encontrados durante as entrevistas é de os psicólogos reconhecem e abordam os impactos do racismo estrutural na saúde mental dos seus clientes negros. B2 reconhece durante a entrevista que falar sobre o racismo estrutural é algo difícil, pois não dá para minimizar os impactos que

aparecem a partir disso, sendo a ressignificação do que é trazido pelo paciente a melhor saída. Já N2 acredita ser importante que o paciente passe por um processo de conscientização, fazendo o que está ao seu alcance para que essas questões sejam discutidas dentro do consultório.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo pesquisar sobre a vivência clínica do psicólogo diante do atendimento da população negra, com ênfase no abismo entre o lugar de fala e escuta profissional. Os resultados indicam que, de maneira geral, a população negra é a que menos têm acesso ao tratamento psicológico por uma série de determinantes sociais, culturais e estruturais da sociedade. Corroborando com estudos de Souza (1983) e Fanon (1983), os resultados encontrados identificam as possíveis influências diretas que produzem a subjetividade do sujeito na clínica, garantindo a escuta adequada para as singularidades.

As divergências encontradas durante a pesquisa podem ser atribuídas às diferenças nas metodologias utilizadas durante a coleta de dados e ao contexto em que a pesquisa foi realizada, podendo ter influenciado no desempenho dos participantes. Dessa forma, foi alcançado o objetivo geral de identificar em que medida os profissionais de psicologia estão preparados na formação prática, uma vez que a falta de letramento racial e prática profissional mostraram-se preponderantes.

Além disso, o objetivo específico de identificar se existe um perfil de profissional que esteja mais preparado para lidar com o racismo que aparece na clínica, não foi completamente respondido, dado que este item é subjetivo dentro da compreensão de cada psicólogo e depende diretamente da formação profissional de cada um. O objetivo específico consiste em identificar se a falta de letramento racial influencia em um manejo adequado se confirma durante a pesquisa, visto que grande parte dos psicólogos enfatizam a falta de apoio da literatura para aperfeiçoamento da prática profissional.

Em suma, este estudo contribui para a compreensão do entendimento do profissional de psicologia sobre o racismo manifestado em questões de sofrimento psíquico, ao mesmo tempo em que destaca a necessidade de mais investigações sobre a eficácia da formação acadêmica destes profissionais. A pesquisa proporciona novas

perspectivas para o aprimoramento da prática profissional do psicólogo e de uma escuta adequada durante o atendimento psicológico.

A ciência psicológica, seja ela a de base formativa nos cursos de graduação, assim como nos programas de pós-graduação, precisam estarem atentos ao passado e ao cotidiano. Compreendendo que uma sociedade que vive na negação, acaba não permitindo que novas linguagens e outros olhares “psis” sejam criados. Só quando a educação for libertadora, quando reconhecermos a necessidade de reconfigurar as estruturas de poder (ampliando-as e diversificando-as) é que as múltiplas identidades marginalizadas (e aqui referimo-nos a uma delas: a negra), poderá reconfigurar a noção de conhecimento, e outros saberes poderão ser produzidos e experimentados (KILOMBA, 2019).

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2017.
- BARROS, Leticia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. *O problema da análise em pesquisa cartográfica*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, p. 373-390, 2013.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. Companhia das letras, 2022.
- CFP, *Código de Ética Profissional*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, agosto de, 2005.
- DE ALMEIDA, Raquel Ayres; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. *A prática da psicologia da saúde*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 14, n. 2, p. 183-202, 2011.
- FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FÉLIX-SILVA, Antonio Vladimir et al. *Psicologia da diferença, relações raciais e formação da (o) psicóloga (o)*. Psicologia: ciência e Profissão, v. 42, p. e229977, 2022.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1994.

- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1992.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2019.
- LIMA, Maria de Fátima. *Violência Epistemológica e a Produção do Conhecimento: Reflexões sobre a Pesquisa em Educação*. In: Educação e Violência. São Paulo: Editora X, 2017.]
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: Elaboração, aplicação e análise de conteúdo*. São Paulo: Pedro e João, 2020.
- MIGNOLO, Walter (2003). *Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.
- MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Revista brasileira de ciências sociais, v. 32, p. e329402, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. *Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa*. Revista Lusófona de Educação, n. 40, p. 11-25, 2018.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020
- PEREIRA, Diogo Fagundes et al. *O pensamento decolonial na psicologia brasileira*. Conhecimento & Diversidade, v. 14, n. 32, p. 181-193, 2022.
- QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. MASP Afrall. Amanda Carneiro (Org.). Tradução de Sérgio Molina e Rubia Goldoni. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, p. 1-12, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- SANTOS, Neusa de S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.



- SILVA, Ana Paula. *A Escuta e a Singularidade na Clínica Psicanalítica*. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, n. 3, p. 490-501, 2018.
- SILVA, Maria da Penha. *A interseccionalidade e suas implicações na análise das desigualdades sociais*. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 12, n. 2, p. 45-62, abr. 2022.
- SOUZA, Neusa Santos. 1983. *Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- VEIGA, Lucas. *Clínica do impossível: Linhas de fuga e de cura*. Telha, 2022.